

## Casamento Misto & Migração: A união com um estrangeiro como estratégia para ganhar os países centrais

*Marina Alves Amorim\**

Três são os perfis dos estudantes brasileiros na França, propostos por Brito (1991). Do primeiro deles, *“aqueles que vêm tomar fôlego”*, fazem parte os professores das grandes universidades brasileiras liberados dos seus cargos para cumprir uma missão de estudos no exterior. Em contraposição, o segundo perfil, que a autora denomina de *“os apostadores”*, agrupa aqueles para os quais a estadia na França não configura o desdobramento de um projeto consolidado de formação, mas uma oportunidade que não se pode deixar de aproveitar. Esse é o caso, por exemplo, das esposas dos professores universitários que aproveitam a estadia do marido para estudar, começando a traçar uma carreira acadêmica autônoma. Enfim, o terceiro perfil, *“os pássaros migratórios”*, define-se antes pelo desejo de se afastar de um contexto problemático no Brasil, do que pela formação a ser desenvolvida na França, uma vez que a decisão de partir consiste tão somente de uma solução para uma situação de crise. Os estudos no exterior funcionam, então, como uma estratégia para migrar<sup>1</sup>.

Os *“brasileiros de Rennes”*<sup>2</sup>, que entrevistamos, muito se assemelham aos *“pássaros migratórios”* de Brito (1991). Quando nos questionamos sobre os reais

---

\* Marina Alves Amorim é Bacharel em história pela FAFICH/UFMG; mestre em educação pela Faculdade de Educação da UFMG (FaE/UFMG); doutoranda em história em fase de conclusão de tese da École Doctorale da UHB (França) e do Departamento de História da FAFICH-UFMG; bolsista no exterior do Programa Colégio Doutoral França-Brasil da CAPES.

motivos que levaram esses indivíduos a mudar do Brasil para a França, concluímos que, de fato, é no ponto de partida e não no lugar de destino que devemos buscar uma resposta. E esta, na maioria absoluta dos casos, também se encontra em um contexto que os empurra para fora, na esteira de um quadro migratório internacional mais amplo. O que distingue uns e outros é apenas a estratégia utilizada ao longo do processo. Enquanto uma parte elege os estudos como caminho para a migração, os nossos entrevistados enxergam no casamento com um estrangeiro uma possibilidade de deixar a terra natal e ganhar os países centrais.

## **A história de Nádia**

Nádia tinha trinta e cinco anos, em abril de 2004, quando conheceu o turista francês com quem passou a dividir a vida na França, quatro meses mais tarde. Era telefonista da Telemar, sendo que o seu salário equivalia a menos de dois salários mínimos, além de alguns prêmios eventuais. Mãe solteira, ela vivia com a mãe, que recebia como pensão outro salário mínimo, e com os dois filhos, uma de dezesseis e um de treze anos, em Olinda, sua cidade natal.

Ao longo de sua entrevista, ela apresenta, muito francamente, as dificuldades financeiras que faziam parte da sua vida cotidiana no Brasil, bem como as restrições e os “malabarismos” que essas dificuldades lhe impunham. Por exemplo, uma de suas preocupações, no momento em que planejava viajar para Natal atrás do turista com quem passara uma noite, era a feira que precisava fazer antes de ir, problema que resolveu pedindo um empréstimo a uma amiga. Além disso, vale dizer que ela não podia arcar com todas as despesas dessa viagem, mas somente com a passagem de ida, e isso porque havia recebido vinte euros de presente (ou como pagamento) do francês. Contava com o “namorado”, que nem mesmo sabia da sua chegada, para pagar o hotel, a alimentação e os passeios. E pensava em voltar para Olinda, no ônibus de turismo alugado pelos estrangeiros. Nádia sentia fome, quando chegou à rodoviária de Recife para tomar a condução em direção a Natal, mas, por falta de dinheiro, contentou-se com um pouco de comida e uma garrafa de água mineral, o suficiente para aguentar o percurso. Tratou também de encontrar com quem dividir um táxi do ponto de chegada em Natal até o hotel onde os franceses se hospedavam na tentativa de minimizar os gastos.

A história de Nádia e do atual companheiro começa em fevereiro de 2004, quando uma amiga lhe anuncia a chegada de um grupo de turistas franceses. A entrevistada insiste em buscar na força do destino uma explicação para o que viria a acontecer, a partir deste momento até setembro de 2004, data da sua emigração para a França. *“Eu disse: ‘é porque tinha que ser!’”* Não questionamos de forma alguma os seus sentimentos pelo companheiro, mas sabemos que mesmo o amor está longe de ser obra do acaso. Conforme alerta Girard (1974), ninguém se casa com qualquer um. Na vida de Nádia, entre fevereiro e setembro de 2004, o que vemos se desenrolar é um projeto, o de se casar com um estrangeiro e, assim, deixar para trás uma vida difícil. Em nossa opinião, a entrevistada é, antes de tudo, senhora do seu destino.

A questão que se coloca, inicialmente, é a escolha de um par, em meio ao grupo de turistas. Escolhido o francês, era preciso seduzi-lo. Em seguida, o encontro sexual fortuito devia ser transformado em uma relação amorosa. Restava, enfim, oficializar a união. Para tanto, Nádia não mediu esforços. Basta dizer que, além de tomar toda a iniciativa no flerte, ela foi capaz de um verdadeiro trabalho de detetive para descobrir em que hotel seu gringo estava hospedado em Natal, última cidade brasileira por ele visitada, e, depois de toda uma história para conseguir uma licença médica e os recursos necessários, ir ao seu encontro sem preveni-lo. Também se desdobrou para financiar uma viagem para a Europa, abrindo mão do emprego de telefonista, deixando no Brasil os dois filhos adolescentes e a mãe idosa. Sem falar que a entrevistada permaneceu em situação ilegal na França, entre setembro de 2004, data da sua chegada ao país, e outubro de 2005, data da conclusão do PACS<sup>3</sup>, aguardando que seu companheiro se decidisse pelo casamento, ou melhor, ganhando meios para poder negociar com ele a oficialização da união. Também foi obra dela, sobretudo, a alimentação do laço frágil estabelecido com o estrangeiro, pois foi ela quem cuidou de iniciar o contato pela internet, encontrando, inclusive, uma saída para o retorno do primeiro correio eletrônico, ao investir em ligações telefônicas internacionais, apesar dos seus custos elevados não combinarem com um orçamento reduzido.

Não é por acaso que Nádia se agarrou ao turista francês, como se ele fosse, por assim dizer, a sua tábua de salvação. O estrangeiro representava para ela uma possibilidade, diante das dificuldades enfrentadas no Brasil: uma possibilidade de “mudar de vida”, segundo as palavras da própria entrevistada. Ele encarnava, simultaneamente, uma porta de saída, uma porta de entrada e uma ponte, permitindo o acesso a outro mundo, que, em princípio, não tinha nada daquela dura realidade cotidiana. E era essencialmente isso, aliado, é claro, às características físicas, que lhe conferiam ares de príncipe encantado, de bom partido, ou, em outros termos, que lhe valorizava no mercado matrimonial, provocando uma paixão das mais avassaladoras.

Nesse sentido, alguns trechos da fala de Nádia, pinçados aqui e ali, são preciosos:

“Eu joguei uma conversa que eu queria mudar de vida. Que chegou o momento, que meus filhos já estavam grandes, que eu queria jogar... morar na Europa.” “A gente... a gente é brasileira, a gente viveu, a gente sabe como é a vida no Brasil. [...] Eu tenho uma vida, sabe? Legal. Consegui. Desde que eu cheguei aqui [...]”; “Depois que eu cheguei aqui, [...] e comecei a conhecer as coisas, eu fiquei decidida: ‘Eu quero ficar aqui. Se não der certo com ele, eu vou tentar de outra forma’”; “Mas eu disse: ‘[...] Se não der certo com ele; aí, se ele disser não, eu não te quero, não vai dar certo; aí, sim, eu vou tentar um... [*mariage blanc*; casamento de fachada]’”; “Aí, a mulher me deu na hora. A segunda senhora. [...] Me deu na hora o *récépissé* [carteira de residente provisória] com direito de trabalhar. [...] Fiquei tão contente, nesse dia! Foi o melhor... foi o dia mais feliz! [...] Foi melhor que o dia do PACS!”.

Mas, afinal, que outro mundo é esse ao qual o turista francês dá acesso? Quando perguntamos a Nádia quais as suas primeiras impressões da França, ao chegar ao país, ela nos respondeu:

[...] realmente, uma coisa que me chocou, [...] aqui, foi os *SDF* [moradores de rua]. Eu não imaginava que na França tinha mendigos na rua, como tem no Brasil, sabe? É uma coisa que me chocou. [...] Porque, para mim, Primeiro Mundo, Europa, era tudo perfeito! Não tinha falha, entendeu? É como passa na *télé* [TV]. [...] Mas, quando eu vi... eu subi na *Place Sante Anne* [Praça Sant'Ana], que eu vi aqueles *SDF* [moradores de rua], eu... eu... me chocou muito. Me chocou muito, porque eu não esperava de encontrar. [...] Então... é... eu pensava o quê? Que, chegando aqui na França, eu não ia ver mendigo na rua, sabe? Eu não ia ver gente catando lixo, sabe? Que não existia... a miséria que eu era acostumada a ver no Brasil... que eu não ia encontrar aqui!<sup>4</sup>.

O outro mundo ao qual o turista francês dá acesso não é simplesmente a França, país de onde é originário. São também os países centrais, que englobam a França, e são concebidos em contraposição ao Brasil, mais especificamente àquele Brasil da entrevistada.

Embora peculiares, as histórias de seis dos sete “*brasileiros de Rennes*”, que entrevistamos (quatro mulheres e três homens)<sup>5</sup>, recontam, em grande medida, a história de Nádia. Todas elas são casos de migração econômica, mediados por um casamento misto. Pertencentes às camadas populares ou à camada média-baixa, esses brasileiros vivenciavam, no momento anterior à migração, situações pouco ou nada confortáveis do ponto de vista da manutenção do lugar que ocupavam na pirâmide social. O romance com o(a) estrangeiro(a) funcionou, então, como uma possível escapatória. E, quanto mais complicado o contexto vivenciado pelo entrevistado, mais desesperadamente ele se agarrou ao projeto de se casar e, dessa maneira, migrar para um país central ou ser autorizado a nele permanecer. Na França de Nádia, não havia espaço para mendigos, para pessoas que catam lixo na rua, para miséria; enfim, para as mazelas sociais que lhe assombravam cotidianamente no Brasil. O outro é reduzido ao mesmo; e o mesmo se revela no outro. Em geral, os “*brasileiros de Rennes*” entrevistados projetavam na França o seu próprio Brasil às avessas, no momento da partida. Tratava-se, para eles, de algo como um Eldorado dos tempos globalizados.

Pelo que foi possível perceber ao longo do desenvolvimento da pesquisa, o processo de migração econômica de brasileiros para a França, mediado por um casamento misto, parece ser marcado por uma série de traços, a saber:

1. O casal é composto, na maioria das vezes, por uma brasileira e um francês;
2. O(a) brasileiro(a) que compõe o casal costuma possuir traços físicos que indicam uma origem africana ou indígena;
3. Os membros do casal se conhecem, em geral, quando o(a) francês(a) viaja pelo Brasil ou reside no país, ou quando o(a) brasileiro(a) vai visitar um membro da

- sua família na França, que é casado com um(a) francês(a) que conheceu no Brasil;
4. Como os membros do casal geralmente não falam uma mesma língua no momento em que se conhecem, o primeiro contato é basicamente sexual;
  5. Poucos meses costumam separar o primeiro encontro do casal da migração do(a) brasileiro(a) para a França;
  6. Como nem sempre a oficialização da união acontece concomitantemente ao processo migratório, é relativamente comum que o(a) brasileiro(a) permaneça ilegal na França por um certo período;
  7. O(a) brasileiro(a) que se casa não tem problemas graves de adaptação na França, na maioria dos casos, haja vista que passa a usufruir de melhores condições de vida que aquelas que usufruía anteriormente no Brasil;
  8. No momento que antecede a migração, o(a) brasileiro(a) vive uma situação complicada no Brasil que o impulsiona a partir;
  9. O casamento com o(a) francês(a) e a migração para a França são significados como uma solução para os problemas vividos no Brasil;
  10. A França emerge no imaginário, em contraposição à realidade vivida no Brasil, sendo associada com os países centrais;
  11. Mesmo que o casal venha a se divorciar, que o membro francês faleça, ou que o processo de migração se revele extremamente problemático, o(a) brasileiro(a) tende a permanecer na França;
  12. Muitas das brasileiras que se casam com franceses encontram-se fora do mercado matrimonial brasileiro no momento em que ocorre o casamento, seja pela idade mais avançada ou pelo fato de possuírem filhos de outros relacionamentos;
  13. No mercado matrimonial francês, o que agrega valor às brasileiras que se casam com franceses é uma imagem da brasileira; imagem esta que povoa o imaginário francês e encontra eco no Brasil, junto, inclusive, às próprias “brasileiras casaduras”;
  14. Se a brasileira que casa com um francês tem filhos de outros relacionamentos, estes migram para a França, algum tempo depois da mãe, através de um processo de reagrupamento familiar, ou permanecem no Brasil, usufruindo da nova situação de vida da mãe.

### ***“Brasileiros de Rennes”:* quem são eles?**

No início de fevereiro de 2006, quando vivia em Rennes, fui convidada para participar de um programa da rádio universitária. Iriam fazer uma emissão especial sobre o carnaval do Brasil, e, além de músicas carnavalescas, gostariam de escutar os depoimentos de alguns brasileiros. Conheci, nessa ocasião, Adélia e Nádia, duas senhoras que decidi entrevistar posteriormente. Pernambucanas, elas estavam presentes para falar do carnaval de Recife e Olinda. Mencionaram a existência, em Rennes, de uma associação composta por mulheres brasileiras. Foi assim que descobri a Associação Brasil no Feminino.

Brasil no Feminino é uma associação que reúne mulheres brasileiras ou que falam ou compreendem o português. [...] Nós criamos Brasil no Feminino em 2000, para ajudar na integração das mulheres brasileiras, assim como de suas famílias, na vida cotidiana francesa. Nós temos também o objetivo de promover a cultura brasileira [...]. O desejo de acolher outras brasileiras nasceu da nossa experiência pessoal: quando a gente chega num país estrangeiro, a adaptação não é sempre fácil! [...] As atividades que nós fazemos entre nós ou com franceses nos permitem, por um lado, conhecer melhor o Brasil, transmitir nossa cultura aos nossos filhos, preservar nossa língua, e, por outro lado, aceitar e respeitar as diferenças culturais e trocar com as pessoas do país que nos recebe. (Tradução nossa)<sup>6</sup>.

A Associação Brasil no Feminino congregava, em 2006, quarenta e seis inscritas. Dois anos mais tarde, reunia vinte e seis aderentes e trinta e três simpatizantes, isto é, cinquenta e nove membros no total, sendo que surgiam vinte novos nomes. Dessa maneira, entre 2006 e 2008, sessenta e seis mulheres passaram pela associação. Se excluirmos uma albanesa, uma argelina, uma colombiana, uma francesa, e uma portuguesa, poderemos computar sessenta e uma brasileiras.

Residindo em Rennes, conheci trinta e três dessas sessenta e uma brasileiras. Vinte cinco delas eram casadas com franceses. As demais eram seis estudantes, uma franco-brasileira nascida no Brasil e uma exilada política. Ou seja, as “mulheres casaduras”, por assim dizer, pareciam constituir a maioria absoluta na Associação.

Se considerarmos os sobrenomes das vinte e oito outras brasileiras que não conheci, observamos que quinze delas possuem um sobrenome tipicamente francês, o que é um forte indício de casamento misto<sup>7</sup>. O número de “mulheres casaduras” subiria, então, para quarenta (vinte e cinco brasileiras casadas com franceses, que eu conheci, somadas a quinze brasileiras que possuem um sobrenome tipicamente francês), em um universo composto por sessenta e uma pessoas<sup>8</sup>.

A suspeita de que a Associação Brasil no Feminino agrupava, sobretudo, esposas de franceses, viria a ser confirmada por meio de Adélia, então presidente da entidade:

A grande maioria são casadas ou vivem com franceses, aqui; que é o meu caso, não é? E é o caso da maioria. Senão, estudantes. E tem muitas [estudantes] que vêm, ficam um ano ou dois... aí, conhecem a Associação, ficam na Associação, depois, voltam. É... mas a maioria... a maioria vivem aqui e são casadas com franceses. São poucas... Na verdade, a maioria dos brasileiros, aqui, são mulheres brasileiras casadas com franceses. E são três ou quatro casais onde é o contrário, onde é a mulher que é francesa.

Adélia não só confirmou a minha suspeita, como foi além, afirmando que as tais “mulheres casaduras” eram maioria absoluta também em Rennes. A comunidade brasileira da cidade, portanto, seria composta basicamente por esposas de franceses, e a Associação Brasil no Feminino, na medida em que congrega uma boa parte delas, conformaria seu núcleo duro e constituiria uma chave privilegiada para a sua compreensão.

A propósito, consegui localizar, entre agosto de 2005 e setembro de 2006, apenas quatorze homens brasileiros radicados em Rennes.

O Ano do Brasil na França<sup>9</sup>, transcorrido em 2005, forneceu novos elementos para a compreensão da comunidade brasileira de Rennes. Isso porque trouxe os brasileiros estabelecidos na cidade para a cena pública, como espectadores dos eventos promovidos e também como promotores de eventos.

Em Rennes, ao longo de 2005, houve trinta e nove eventos, no âmbito do Ano do Brasil, sendo onze oficiais e vinte e oito extraoficiais. Quinze deles aconteceram por iniciativa dos brasileiros que vivem na cidade, inclusive de alguns que fizeram parte da programação oficial, sendo que cinco foram realizados por associações (quatro pela Associação Brasil no Feminino); quatro por companhias artísticas dirigidas por brasileiros; três por instituições de ensino superior; dois pelo *Collectif Brésil*, entidade que congrega treze associações, companhias artísticas e Organizações Não-Governamentais (ONGs) de Rennes que trabalham com o Brasil; e, finalmente, o último foi uma iniciativa individual de um imigrante.

A programação do Ano do Brasil reforçou, por um lado, a importância da Associação Brasil no Feminino, responsável por uma quantidade considerável de eventos; e, por outro lado, chamou atenção para a presença de artistas brasileiros em Rennes.

Ao entrevistar Inácio, bailarino que dirigia a Companhia de Dança Ochossi (*sic*) e presidia o *Collectif Brésil*, vivendo já há muitos anos na cidade, foi possível compreender que existia ali uma verdadeira rede de artistas brasileiros:

[...] quando eu fui ao Brasil, eu encontrei a Paula. *Donc* (então), a Paula tinha ideias de ir pros Estados Unidos, “*mas quem sabe eu posso passar na França?*” [...] *Donc* (então), a Paulinha, quando passou, *au lieu de aller (d’aller) aux États-Unis* (ao invés de ir para os Estados Unidos), ela veio direto foi na França. Ficou morando comigo e fizemos coisas juntos. Em 94, aí, eu já ‘tava tão avançado com as coisas do Brasil, ‘tava ‘acontecendo’ tão bem, que eu criei (a) Semana Cultural Brasileira, com a minha associação que chamava França-Brasil, *Échanges Artistiques* (Intercâmbios Artísticos) França-Brasil. Eu criei uma Semana Brasileira, *à Renna* (em Rennes), cultural. Foi em 94, a primeira... 93, a primeira Semana Brasileira, *à Renna* (em Rennes). E, aí, em 94, no ano de 94, eu convidei... discutindo... ta-ta-ti, ta-ta-ta; *donc* (então), a mãe da Paula, que é Irene [...]. A Paula, quando veio a primeira vez, ficou morando comigo, e já arranjou um marido, e já teve um filho, e, *voilà* (eis que), a Paula ficou. E, depois, veio a Irene, que deu interferências.

Não veio a Irene sozinha. Veio a Irene, veio a A., com dança brasileira, e veio outros. A... a Irene veio e acabou ficando também. Casou aqui também, e voltou pro Brasil, ficou dois anos no Brasil, e, depois, voltou e acabou ficando. [...] E... quando... daí a pouco, em 95, veio o A. da Companhia Ladainha, que é um capoeirista... que veio, que morou comigo também um tempo, que, depois, acabou fixando *résidence* (residência) em *Renna* (Rennes). Criou a Companhia Ladainha e faz capoeira pra tudo quanto é lado da *Bretagne* (Bretanha). Mais tarde, veio a A., que é uma paulista que conheceu a Paula na universidade, que tava morando em Paris e que decidi de vir pra *Renna* (Rennes). [...] *donc* (então), a A. veio com o amigo [*ami*: namorado] dela e ficou morando lá em casa. E, como ela era dançarina, então, ela começou a trabalhar comigo. O namorado virou bailarino. Eu eduquei ele na dança; virou bailarino também. Criou-se outra companhia, mais tarde, que se chama Ubí.

Conseguí mapear, em Rennes, quatro companhias de dança – a Companhia Dana, a Companhia Kassen K, a Companhia Ochossi (*sic*) e a Companhia Ubí –, e também duas companhias de capoeira – a Companhia Brasil-Armorique e a Companhia Ladainha – dirigidas por brasileiros, além de duas artistas plásticas brasileiras.

Como é inegável que a comunidade brasileira de Rennes é formada majoritariamente por mulheres casadas com franceses, acredito que ela possui dois eixos: sendo o primeiro, a Associação Brasil no Feminino, e o segundo, justamente esse conjunto de artistas, que, mesmo dividindo-se em várias companhias e mantendo algum diálogo com a Associação Brasil no Feminino, articula-se como um grupo independente; sendo que o que une o grupo não é apenas a arte, mas também o próprio processo migratório, sustentado, muitas vezes, por laços profissionais estabelecidos na terra natal. Assim, não é por acaso que Inácio fala em dois lados: o seu, composto por artistas brasileiros, e o outro, composto por brasileiros que não fazem parte da cena artística da cidade.

A maioria dos quatorze homens brasileiros que localizei em Rennes parece se dividir, por sua vez, entre esses dois eixos, ora compondo o grupo de artistas brasileiros, ora gravitando em torno da Associação Brasil no Feminino. Apenas três se descolam dessa lógica, mantendo pouco ou nenhum contato com brasileiros.

Um traço perpassa todo o processo migratório do Brasil para Rennes. Considerando os vinte e três brasileiros que conheci, que frequentam a universidade na cidade, das quatro que são “*brasileiras de Rennes*” – uma das graduandas, as duas professoras universitárias e a exilada política –, três são esposas de franceses. A Associação Brasil no Feminino é composta majoritariamente por brasileiras casadas com franceses. Das sessenta e uma brasileiras inscritas na entidade entre 2006 e 2008, ao menos quarenta parecem ser “mulheres casaduras” – tanto as vinte e cinco que conheci, como também as quinze que possuem um sobrenome tipicamente francês. Os artistas brasileiros radicados na capital da Bretanha

migraram para a França, geralmente, porque se casaram com um(a) francês(a) ou um(a) europeu(europeia): dos nove localizados, seis possuem esse perfil. Quanto aos quatorze homens brasileiros, dos doze deles que são “*brasileiros de Rennes*”, oito são casados(as) com franceses(as). Se cada pessoa for computada uma única vez, já que algumas delas aparecem em mais de um dos grupos acima, ao menos quarenta e nove “*brasileiros de Rennes*”, de um total de sessenta e um mapeados, possuem uma história de migração mediada por uma união mista; sendo que treze mulheres que fazem parte da Associação Brasil no Feminino não foram consideradas esposas de franceses, embora acredite que grande parte delas o seja, porque desconheço suas histórias pessoais e elas não carregam um indício do matrimônio no sobrenome.

## **O casamento misto como estratégia de migração**

Silva e Blanchette (2005) criticam as análises maniqueístas elaboradas acerca do turismo sexual; análises estas que atribuem um papel de vilão ao turista estrangeiro e um papel de vítima à brasileira envolvida na trama, negando às mulheres um lugar ativo na construção dos seus destinos, impossibilitando a visão da multiplicidade de homens que a categoria turista sexual encerra e terminando por ocultar os nexos entre turismo internacional, sexo e migração, que operam no Brasil. Tomando como ponto de partida uma pesquisa etnográfica realizada na “*Help*”, casa noturna de Copacabana, que faz parte do roteiro do turista em busca de sexo no Rio de Janeiro, os dois estudiosos ampliam o debate sobre o turismo sexual, ao observar como as viagens e mesmo as mudanças para o exterior para se prostituir, namorar ou casar fazem parte da vida cotidiana das profissionais do sexo que trabalham no estabelecimento, e também ao desvelar como as meninas envolvidas nesses deslocamentos compartilham com o parceiro a autoria de suas histórias, não sendo simplesmente vítimas indefesas ou seres passivos traficados.

Na verdade, o casamento misto é utilizado pelas frequentadoras da “*Help*” como estratégia para migrar, conforme destacam Silva e Blanchette (2005). Isso porque, em um momento em que as fronteiras entre os países se tornam cada vez mais difíceis de ser transpostas, sobretudo para os pobres, o marido estrangeiro emerge, para elas, não somente como uma possibilidade de sair do mercado do sexo, mas também de atingir a Europa ou os Estados Unidos, onde, caso o relacionamento fracasse, pensam que poderão, ao menos, ganhar mais pelos “*programas*”. Longe de ocupar o lugar que muitas pesquisas sobre a temática teimam em lhes atribuir, essas mulheres cultivam, então, essas relações com gringos, lançando mão de artimanhas que visam em última instância à mobilidade internacional e à ascensão social.

Observemos uma conversa travada por um dos antropólogos com uma prostituta e uma funcionária da “*Help*”, ao longo do desenvolvimento da pesquisa de campo:

Funcionária: Você está ótima! Nem parece que está grávida. [...]  
Silva: Nossa! Você está grávida?  
Prostituta: Sim [...]. Demorei seis meses para pegar aquele americano, mas finalmente consegui. Agora estou esperando ele voltar para os Estados Unidos, para eu ir embora junto.  
Silva: Mas ele sabe que o filho é dele? Ele vai assumir?  
Prostituta: Lógico! Ele não é nem besta de não assumir! Estou cuidando muito bem do meu americanozinho aqui (diz, alisando a barriga) e vou para os Estados Unidos me casar com o pai dele.  
Funcionária: Cuida mesmo, porque você teve uma sorte de ouro (SILVA; BLANCHETTE, 2005, p.271).

Vale dizer que o casamento misto não é uma estratégia para migrar apenas utilizada pelas profissionais do sexo. Meihy (2004), por exemplo, apresenta a história complicada de uma migrante brasileira radicada em Nova Iorque, sendo que, também nesse caso, como veremos através do excerto da entrevista em que ela conta como se deu a sua mudança para os Estados Unidos, o estrangeiro funcionou como um passaporte para o centro do mundo.

[...] A firma foi crescendo e começou a ter contatos mais importantes e até com firmas internacionais... De vez em quando, aparecia um gringo por lá e foi assim que conheci o Mike, um americano que trabalha para uma firma daqui dos Estados Unidos... logo comecei a flertar com ele e acompanhar o cara para baixo e para cima... ele queria alguém para falar português, para praticar, e eu logo pensei: é a minha chance... vou em frente... Fui... o cara ficou ligado em mim e me tratava diferente do resto dos homens brasileiros... Mesmo na firma, comecei a notar que as pessoas começaram a me tratar melhor, pois era vista como uma “namoradina brasileira” do gringo... o interessante é que nessa época eu estava namorando o Aldo, um cara do time dos pobres, e as coisas iam indo até que bem... ele falava em casar e tudo mais... E eu? Eu queria mais é o americano, que não era feio, era rico e estava a fim de mim... Terminei com o Aldo [...].

Ainda em BH, com o gringo, tudo era bom e eu achava que ia dar certo porque ele gostava de mim – eu achava, né? –, me dava presentes, levava para pizzaria, cinema, motel e tudo mais. “*Tô arrumada!*”, pensei. Foram três meses de muita alegria depois que deixei o Aldo e fiquei só com o Mike. Mudei do apartamento que morava para o hotel dele e vivia uma vida de casada... de casada rica e moderna. Logo ele falou em vir para os Estados Unidos e me levar... era a glória. Imagine, eu pobrona, que nunca tinha saído de Minas, ir, casada, para os Estados Unidos... Mais ou menos casada, né?, porque ele dizia ser separado, com duas filhas... mas isso nem importava. Eu ia para os Estados Unidos: só pensava nisso... Mike parecia apaixonado e até eu estava um pouco balanceada por ele... esqueci rapidinho o Aldo...

O visto não foi problema porque a firma declarou que eu vinha a trabalho, e o Mike arranhou tudo. Pagou passagem, comprei umas roupinhas melhores e tive até festinha de despedida. “*Coisa fina*”, achava: festa no escritório, festa com as amigas... e lá vinha eu “pros States”. “*Eta mineirinha de sorte*”, pensava eu... (MEIHY, 2004, p.197-198).

Não podemos negar que o casamento misto tem um impacto na escrita das histórias de migração pelos sujeitos. Ele facilita o deslocamento internacional de homens e mulheres pertencentes às camadas populares, na medida em que a esposa ou o marido estrangeiro financiam, muitas vezes, as passagens aéreas e os eventuais gastos junto ao serviço de migração, possuem uma infraestrutura no país de destino para acolher os seus parceiros, permitem a legalização da permanência no exterior e, conseqüentemente, o acesso ao mercado formal de empregos e à assistência social. É verdade que os “*brasileiros de Rennes*” costumam exercer funções pouco valorizadas socialmente; ou seja, as mesmas que cabem aos imigrantes brasileiros ilegais em Nova Iorque ou em Portugal - entre as mulheres, por exemplo, é comum trabalhar como babá ou faxineira -, mas eles o fazem em outro contexto. Residindo legalmente na França, têm direito ao salário mínimo em vigor e à seguridade social. Casados com franceses, não são obrigados a residir nas famosas pensões de imigrantes, em que muitos dividem um espaço pequeno e insalubre; e, além disso, têm outra inserção na sociedade de acolhida, por fazerem parte de uma família local.

A pesquisa realizada em Rennes aponta como a união com um estrangeiro vem funcionando como uma porta de saída do Brasil, uma porta de entrada no centro do mundo, ou ainda, uma ponte entre ambos. Muitos brasileiros (em especial, brasileiras) migram porque se casaram. Outros tantos (mais uma vez, brasileiras, sobretudo) encontram no casamento uma possibilidade de viabilizar a migração ou a legalização da permanência no exterior.

## Notas

1 - O artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa para o doutoramento. Tal pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Colégio Doutoral França-Brasil, junto à *École Doctorale da Université Rennes 2 – Université d’Haute Bretagne (UHB)*, em Cotelutela Internacional de Tese com o Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH/UFMG), sob a orientação das professoras Rita Godet (França) e Thaís Pimentel (Brasil), com o apoio financeiro do *Ministère des Affaires Étrangères* e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

2 - Denominamos “*brasileiros de Rennes*” os imigrantes brasileiros radicados em Rennes, cidade francesa que é a capital da Região da Bretanha.

3 - O *Pacte Civil de Solidarité*, ou PACS, é um contrato que pode ser estabelecido, na França, por duas pessoas solteiras, do mesmo sexo ou de sexos diferentes, separadas por mais de três graus de parentesco, para organizar sua vida em comum. Ele termina funcionando como uma alternativa ao casamento civil, no momento de oficialização da união de um casal.

4 – Os depoimentos transcritos neste artigo foram extraídos de entrevistas concedidas à autora ao longo dos meses de junho e julho de 2006, para o Projeto de Pesquisa de doutoramento. Rennes, França, Arquivo de Áudio.

5 - Adélia conheceu o marido, enquanto estudava na França. Professora de francês no Brasil, ela havia solicitado ao *Ministère des Affaires Étrangères* (o correspondente francês do nosso Ministério das Relações Exteriores), uma bolsa para prosseguir seus estudos no país, e obtido uma resposta positiva. A entrevistada parecia destinada a ser professora universitária, mas, em função do casamento, abandonou a bolsa de estudos, bem como a vida profissional, e retornou ao Brasil, para onde seu marido pediu para ser enviado em missão de trabalho. Eles só vieram a se estabelecer na França, anos mais tarde, e, mesmo assim, não de forma definitiva. O que parece explicar a trajetória de Adélia não é a mesma lógica que explica as demais, mas sim certa condição feminina que ainda encontra eco na sua geração.

6 – Release para Imprensa de um evento extraoficial do ano do Brasil na França, promovido pelo *Collectif Brésil: À la Découverte du Brésil*.

7 - Alguns poderiam apontar que o sobrenome francês poderia ser um indício também de uma ascendência francesa. Todavia, essa possibilidade parece remota, visto que as dezesseis mulheres possuem apenas um sobrenome, e não pelo menos dois, o que é algo corrente na França, mas muito raro no Brasil.

8 - Vale dizer, no entanto, que o fato de não possuir um sobrenome francês não exclui necessariamente a possibilidade da existência de um casamento misto. Na França, o código civil já permite que a mulher mantenha o seu sobrenome ao se casar, e existe uma alternativa ao casamento, o PACS, que não prevê a mudança de sobrenome. Além do mais, as pessoas podem viver juntas sem oficializar a sua união, e as mulheres podem se separar, retomar o nome de solteira e permanecer no país. Sendo assim, é muito provável que a estimativa apresentada seja inferior ao número real de casos.

9 - O Governo Francês promove temporadas culturais estrangeiras na França, desde 1985, com o objetivo de promover aproximações diplomáticas. Um país é celebrado a cada ano, tendo 2005 sido dedicado ao Brasil.

## Referências

- BRITO, Ângela Xavier de. *Construction de l'Espace de Formation Brésilien et Études à l'Étranger : stratégies et « carrière morale » des étudiants brésiliens dans l'université française (1960-1986)*. 1991. 503 f. Tese (Doutoramento em Sociologia) – Université Paris V, Paris, 1991.
- GIRARD, Alain. *Le Choix du Conjoint: une enquête psycho-sociologique en France*. Paris: PUF, 1974. 204p.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Brasil Fora de Si: experiências de brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola, 2004. 384p.
- SILVA, Ana Paula da; BLANCHETTE, Thaddeus. Nossa Senhora da Help: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. *Cadernos Pagu*, Campinas, nº 25, jul.-dez., 2005, p.249-280.

## RESUMO

O artigo explora a associação entre casamento misto e migração, a partir de entrevistas realizadas com oito imigrantes brasileiros radicados em Rennes (França), com destaque para uma delas, e do próprio retrato da comunidade brasileira da cidade, basicamente composta por brasileiros (brasileiras, em especial) casados com franceses. A união com o estrangeiro emerge como um facilitador do deslocamento internacional de pessoas pertencentes às camadas sociais mais baixas, além de estratégia utilizada por essas pessoas para migrar aos países centrais.

**Palavras-chave:** migração; casamento misto; Brasil-França.

## **ABSTRACT**

The article explores the connection between mixed marriage and migration, by using interviews with eight Brazilians immigrants settled in Rennes (France), especially one of them, and the typical likeness of the community Brazilians in Rennes, which is basically composed of Brazilians (especially Brazilian women) married to French men. The union with the foreigners emerges as a facilitator for international displacement of persons from lower social layers and, beyond, as strategy used by these people for migration to central countries.

**Keywords:** migration; mixed marriage; Brazil-France relations.

